

# 1

## PANORAMAS DE MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO

---

Os evangelistas, conforme afirmo, não escreveram para igrejas específicas que eles conheciam pessoalmente ou apenas de ouvir falar, nem mesmo para um número muito grande de tais igrejas. Antes, eles, ao utilizar sua experiência e conhecimento de muitas ou várias igrejas específicas, escreveram *para toda e qualquer igreja* onde seus evangelhos podiam circular. Não mais que quase qualquer outro autor, no tempo deles ou principalmente em outros períodos, eles poderiam saber quais leitores e ouvintes específicos alcançariam. Assim, perguntar, por exemplo, se Lucas sabia se havia qualquer igreja cristã na Gália no tempo em que escreveu, e, supondo-se que ele soubesse que havia, se ele quis endereçar a eles seu evangelho é fazer o tipo totalmente errado de pergunta. A audiência que tinha em mente era uma *categoria aberta* – qualquer igreja na qual seu evangelho pudesse circular – não uma audiência específica, na qual ele tivesse conscientemente de incluir as igrejas da Gália ou não.<sup>1</sup>

É importante saber, para a abordagem dos evangelhos e para compreender como eles funcionam, que os evangelhos foram escritos basicamente para uma audiência ampla.<sup>2</sup> Muitos detalhes sobre a audiência original de cada evangelho não são claros. Um consenso comum, que a citação precedente corretamente desafia, é que os evangelhos foram escritos, em cada caso, para uma comunidade ou conjunto de comunidades locais. O argumento de consenso é que os relatos de cada evangelho são contados de uma forma que a narrativa seria relevante para uma pequena comunidade. Essa opinião gradualmente está sendo rejeitada. Ao contrário, os escritores dos evangelhos escreveram para a igreja em geral, por meio do que um autor chamou de “a sagrada Internet”.<sup>3</sup>

A implicação da intenção deles, a saber, de se dirigir à igreja em geral, significa que o que nós não sabemos com certeza sobre as particularidades de cada ambiente do Evangelho – e há muita coisa que nós não sabemos sobre tais detalhes – causa pouco impacto sobre nossa avaliação da mensagem básica desses evangelhos. Não é preciso um conhecimento profundo da comunidade original a qual cada evangelho foi endereçado para se entender sua mensagem, embora tal conhecimento, quando pode ser determinado, de fato nos ajude a avaliar certas nuances de detalhe.

Avaliar a estrutura de cada evangelho, bem como estar consciente do que sabemos e não sabemos sobre sua origem, realmente aumenta nossa habilidade para interagir com a mensagem de cada um deles. Assim, consideramos a estrutura, temas, autoria, data e ambiente de cada uma dessas obras. Fazer isso nos ajuda a ver como os evangelhos são similares e distintos uns dos outros, uma das características mais fundamentais da descrição de Jesus no Evangelho.

## Mateus

O Evangelho de Mateus é o mais centrado em questões e interesses judaicos. Também importante para seu evangelho é a função-chave que os discursos de Jesus têm no desenvolvimento do argumento. Embora diga-se habitualmente que Mateus contenha cinco unidades de discurso, é importante notar que a última unidade é particularmente grande e combina dois discursos distintos: a condenação da liderança seguida pelo discurso escatológico (Mt 23—25). Outras unidades de discurso tratam de bênçãos, da lei, da justiça e do caminhar com Deus (Mt 5—7), instruções para missão (Mt 10), o Reino (Mt 13) e observações sobre a comunidade – prestação de contas e perdão (Mt 18).

Em um esboço provisório de Mateus, um exame revela muito sobre seus interesses.

- I. Prólogo: “Deus conosco”, “Rei dos judeus”, “Nascido de Deus” segundo a promessa em meio ao conflito de Israel e a adoração gentílica (1.1—2.23)
- II. Introdução: João Batista prepara o caminho para o Filho amado, o qual vence a tentação (3.1—4.11)
- III. O Messias confronta Israel na Galiléia e sofre rejeição (4.12—12.50)
  - A. Introdução e sumário (4.12-25)
  - B. Discurso: chamado a uma justiça verdadeira (5.1—7.29)
  - C. Ministério de nove milagres e ensino para os discípulos (8.1—9.35)
  - D. Discurso: missão a Israel – um pastor para as ovelhas (9.36—11.1)
  - E. Rejeitado pelos líderes judeus, chamado para os discípulos a fim de que descansem no servo justo para as nações (11.2—12.50)
- IV. Respostas: Reino, provisão-aceitação-chamado para os discípulos, e rejeição por parte de Israel (13.1—20.34)
  - A. Discurso: os mistérios do Reino (13.1-53)
  - B. Rejeição intensificada por muitos em Israel, provisão para discípulos e aceitação pelos discípulos e chamado ao discipulado (13.54—17.27)
  - C. Discurso: comunidade – prestação de contas e perdão (18.1-35)
  - D. Para Jerusalém: instrução sobre compromisso de fé e graça (19.1—20.34)
- V. O Messias inaugura o Reino por meio da rejeição e da vindicação (21.1—28.20)
  - A. O Messias confronta Israel em Jerusalém (21.1—22.46)
  - B. Discursos: fariseus e escribas condenados, o Messias prediz o juízo sobre o Israel descrente e seu retorno (23.1—25.46)

C. O Messias é rejeitado na crucificação, mas vindicado na ressurreição como uma base para a grande comissão (26.1—28.20).

Para Mateus, o relacionamento de Jesus com Israel e a explicação da rejeição de Israel são os maiores objetivos. Mateus deseja mostrar que aqueles que são cristãos não buscaram uma separação do judaísmo, mas foram forçados a se diferenciar porque a nação rejeitou a plenitude da promessa divina e das Escrituras que Jesus trouxe e ofereceu. Entretanto, essa rejeição não impediu a vinda da promessa. O que a rejeição fez foi levantar as estacas do discipulado e levar à criação de uma nova entidade, a igreja. Sua mensagem não só continuou a apelar a Israel, mas também foi, como parte de uma missão, a todo o mundo. Cinco unidades de discurso, compreendendo seis discursos (a quinta unidade contém dois discursos), são a coluna vertebral do livro. Como em todos os evangelhos, há uma interação e intercâmbio entre as palavras e os atos de Jesus. O que Jesus faz apóia o que ele prega. A morte de Jesus foi um ato do plano divino que levou a sua vindicação e missão. Discípulos são aqueles que vêm até ele e se aplicam à tarefa de refletir a justiça que Deus oferece tão graciosamente.

Uma breve lista dos principais temas de Mateus mostra a variedade de seus interesses. Itálicos identificam os temas-chave, que em alguns casos coincidem com outros evangelhos, e em outros casos são únicos. A cristologia de Mateus apresenta fundamentalmente um *entendimento real e messiânico de Jesus*, o qual, como *Filho de Deus*, é visto como o revelador da vontade de Deus e o portador da autoridade divina. Jesus, como o rei prometido dos judeus, cura, ensina *o real significado da Torá em todas as dimensões*, chama à *justiça prática*, inaugura o Reino e ensina sobre os elementos *misteriosos* da promessa de Deus. Isso é tudo parte do que Mateus associa com um programa que envolve o que ele chama o *Reino dos céus*.<sup>4</sup> Esse Reino é tanto presente quanto ainda está para vir (12.28; 13.1-52; 24.1—25.46). João Batista anuncia a aproximação desse Reino. Jesus proclama sua esperança por toda a nação e para todas as ovelhas perdidas de *Israel*. Ele *os chama ao arrependimento, desafia suas práticas, expressa sua autoridade sobre o pecado e o sábado e os chama a ler a lei com misericórdia*. A maior parte de Israel rejeita a mensagem, mas o mistério é que a promessa vem apesar dessa rejeição. Um dia, esse Reino abrangerá o mundo inteiro (parábolas de Mt 13). Na consumação, a autoridade de Jesus naquele Reino será evidente a todos em um *juízo* de toda a criação (Mt 24—25). Assim, o programa do Reino, a escatologia e a história da salvação são unidos por Mateus.

Deus é visto como o *Pai* que tem uma *presença soberana e permanente* sobre o mundo. Esta presença é vista por meio do programa de Jesus, uma realização das promessas de Deus. Sua presença também é vista na forma como Jesus exerce juízo sobre Israel por meio da promessa de juízo do templo. A soberania de Deus sobre o mundo emerge por intermédio do Messias, que tem a responsabilidade no juízo final. Os discípulos têm o benefício de chamar a Deus de Pai.

A maior parte do *cumprimento escriturístico* que Mateus cita nos ajuda a entender quem Jesus é e como ele realiza o plano de Deus. As Escrituras são

cumpridas quando Jesus: (1) é concebido por uma virgem; (2) nasce em Belém; (3) vem do Egito; (4) nasce em um período de sofrimento para a nação; (5) é chamado “nazareno” (Mt 1—2); (6) vai para a Galiléia dos gentios; (7) leva nossas enfermidades; (8) é um pastor enviado a um povo sem pastor; e (9) é o *servo que leva justiça aos gentios* (4.14-16; 9.36; 12.18-21). Todas essas promessas sublinham a libertação e missão que Jesus traz para Israel. O prometido de Israel foi enviado para trazer o povo de volta para Deus, exatamente como os profetas tentaram fazer anteriormente. Todavia, há, vez ou outra, indicações de que o relato circula para além de Israel. Um centurião e uma mulher siro-fenícia demonstram fé exemplar (8.5-13; 15.21-28). Tanto gentios como judeus ouvem o Sermão do Monte. Quando a rejeição de Israel torna-se mais intensa, Jesus é mandado como um servo que traz justiça com esperança para as nações.

A final e *grande comissão* envia discípulos para o mundo inteiro (28.16-20). Tudo isso acontece por intermédio de uma nova comunidade, a ser chamada de *igreja*, a qual Jesus edificará (16.16-20; 18.15-20). Mateus é o único evangelho que fala diretamente da igreja. Os discípulos que compõem a igreja são chamados a um *discipulado exigente* que põe o seguir a Jesus em primeiro lugar; ele é fundamentado em *responsabilidade espiritual, misericórdia e perdão*; ele procura a justiça como um chamado; e vai ao mundo fazer mais discípulos (16.24-28; 18.1-35).

*Questões introdutórias.* As questões de autoria, data e ambiente são polêmicas. A associação desse evangelho com o apóstolo Mateus data de uma informação de Papias sobre Mateus ter reunido ditos de Jesus em um dialeto hebraico (Eusébio, *Eccl. Hist. [História eclesiástica]* 3.39.16). Questiona-se muito sobre essa citação. Papias refere-se ao evangelho ou a alguma outra coisa? Se é outra coisa, qual é a relação entre nosso evangelho grego e o que Papias descreve? As respostas a essas perguntas não são claras.<sup>5</sup> Por outro lado, os sobrescritos que acompanham os manuscritos desse evangelho uniformemente referem-se a Mateus como o autor. As raízes disso datam da primeira metade do século II.<sup>6</sup> Além disso, esse evangelho foi amplamente aceito, além de ser o mais popular no período antigo. Há grande probabilidade de que suas raízes sejam bem conhecidas.

Ainda, alguns questionam os contatos entre os apóstolos. Argumentos, habitualmente dependentes da prioridade marcana, incluem a idéia de que Mateus, como apóstolo, não teria usado um evangelho de um não-apóstolo. Entretanto, essa crítica ignora a probabilidade real de que Marcos tenha suas raízes na pregação de Pedro, pois estava associado com esse apóstolo-chave. Outros argumentam que a natureza do grego usado em Mateus torna improvável que um autor judeu o tenha escrito. Entretanto, uma pessoa que fosse um coletor de impostos em uma região altamente helenística, muito provavelmente, seria bilingüe. O argumento mais importante é o ligado à data de Marcos. Se Marcos é o primeiro evangelho e é supostamente uma obra do fim dos anos 60 ou 70 (o que não é certo, como veremos), então algum tempo é necessário para a publicação de Mateus. Quanto mais tarde isso acontece, menos provável é que Mateus seja o autor. Os que rejeitam Mateus como o autor, geralmente, consideram que o autor seja um cristão judeu.<sup>7</sup>

Como se pode ver, os argumentos ao redor de autoria são uma questão de tradição *versus* certas opiniões sobre evidência interna. Com freqüência, esse é o caso quando considerarmos essas questões para cada evangelho. O peso do argumento favorece que, especialmente dada a rápida e ampla aceitação do evangelho, suas raízes remontem ao apóstolo. Essa conclusão explica melhor seu rápido e amplo uso na igreja primitiva.

Determinar a data do livro também é difícil. As citações mais antigas de Mateus aparecem no início do século II com Inácio (*To the Smyrnaeans* [*Para os esmirneus*] 1.1; *To Polycarp* [*Para Policarpo*] 2.2), que morreu por volta do ano 107. Parte da instrução é dada em uma forma que dá a impressão de que o templo ainda estivesse funcionando (5.23,24; 17.24-27). O problema é que esse ensino retrocede até a vida de Jesus, quando o templo ainda existia. O argumento é que reter essa instrução sobre prática sacrificial e a taxa do templo faz mais sentido se o templo ainda existisse, para que esses exemplos fossem ainda mais úteis. Ireneu afirmou que o evangelho foi escrito enquanto Pedro e Paulo estavam em Roma, fundando aquela igreja, situando-o, o mais tardar, na primeira metade da década de 60 e sugerindo que foi até mais cedo (*Against heresies* [*Contra heresias*] 3.1.1; cf. Eusébio, *Eccl. Hist.* [*História eclesiástica*] 5.8). O quadro de intenso conflito com o judaísmo podia se enquadrar em qualquer período da primeira metade do século I, especialmente o período ligado a Nero em meados da década de 60, porque ele pressionou os cristãos de uma forma que os distinguiu dos judeus. Em 62, os judeus apedrejaram Tiago, irmão de Jesus, em um incidente em que eles temeram a reação romana, porque não tinham autoridade para executá-lo (Josefo, *Ant.* [*Antigüidades*] 20.9.1 §§197-203).<sup>8</sup> Toda essa evidência parece apontar para uma data na década de 60.

Os que rejeitam essa data e preferem uma anterior argumentam mais uma vez que o Evangelho de Mateus precedeu o de Marcos, ou que um apóstolo não se basearia em um evangelho não-apostólico. Já tratamos das respostas a esses argumentos.

Os que argumentam para uma data após a década de 60 dizem que textos como Mateus 24.1-29 (a predição da destruição de Jerusalém) e Mateus 22.6,7 (a predição sobre um incêndio da “cidade deles”) indicam um evangelho escrito após 70. Aqui está alguém, assim eles argumentam, que se afastou de uma perspectiva judaica, como o uso da expressão “cidade deles” indica. Entretanto, qualquer judeu, ao argumentar que Israel tivesse sido infiel a Deus, poderia prever uma destruição de Jerusalém como um juízo similar ao da queda diante da Babilônia, que precipitou o exílio. Por volta da década de 60, uma quebra na perspectiva estava surgindo para alguns, como a morte de Tiago indica. Assim, somos confrontados com a tensão entre evidência externa e juízos internos. A maioria dos que vêem algum mérito nesses argumentos situam Mateus após 70, geralmente em algum momento da década de 80.<sup>9</sup>

Determinar o ambiente desse evangelho é o exercício mais incerto de todos. Ele envolve só inferências. A pesada ênfase de Mateus em questões judaicas indica